

# Symposion and Philanthropia in Plutarch

José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão  
Manuel Troster e Paula Barata Dias  
(eds.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

# O SENTIDO DE *PHILANTHROPIA* NAS BIOGRAFIAS DE CORIOLANO, CÍCERO E CATÃO DE ÚTICA

JOAQUIM J. S. PINHEIRO  
Universidade da Madeira

## Abstract

In this paper, we propose to identify the sense and context of *philanthropia*, one of the transversal concepts of Greek culture, in the Roman biographies of Coriolanus, Cicero, and Cato Minor. Our aim is to analyse the actions that Plutarch associates with *philanthropia* and the various values attached to it. In restricting our research to Roman biographies we intend to evaluate the sense of *philanthropia* in Plutarchan *synkriseis* and its cultural implications.

A interpretação do sentido de *philanthropia* nas biografias de Coriolano, Cícero e Catão de Útica tem o objectivo de avaliar o contexto em que Plutarco usa o vocábulo e de verificar se é possível notar alguma diferença semântica por serem heróis romanos. Tanto as *Vidas Paralelas* como os *Tratados Morais* parecem indicar que, em geral, se procede a uma helenização da identidade romana, como acontece, por exemplo, nas *Quaestiones Romanae*<sup>1</sup>, ao nível da religião.

A *philanthropia*, juntamente com outros valores, como a *dikaiosyne*, a *praotes*, a *andreia*, a *phronesis*, a *sophrosyne*, é uma manifestação da *paideia*, que remete para a dimensão moral, filosófica ou ética do ser humano. Nessa medida, a fisionomia pode não revelar o *ethos philanthropon*, como Plutarco refere na biografia de Fócion (5.1):

Τῷ δ' ἦθει προσηνέστατος ὦν καὶ φιλανθρωπότατος, ἀπὸ τοῦ προσώπου δυσξύμβολος ἐφαίνετο καὶ σκυθρωπός, ὥστε μὴ ῥαδίως ἄν τινα μόνον ἐντυχεῖν αὐτῷ τῶν ἀσυνήθων.

Embora [Fócio] possuísse um carácter muito afável e humano, pelo semblante parecia ser tão pouco sociável e austero que dificilmente alguém ia ao encontro dele sozinho, a não ser que fosse seu familiar.

Apesar de a *philanthropia* dos heróis se manifestar em várias acções, como adiante veremos, é no íntimo de cada indivíduo e pelo controlo da parte irracional da alma que, numa primeira fase, se consolida este valor. Nesse sentido, a *philanthropia*, a *praotes*, a *epieikeia* ou a *sophrosyne*, por oposição à *kakoetheia*, surgem associadas a uma ideia de equilíbrio, sociabilidade, indulgência, afabilidade e autodomínio<sup>2</sup>. Filopémen, “o último dos Gregos”, tentou imitar a inteligência e a integridade de Epaminondas, mas não conseguiu, nas disputas políticas, ser fiel à *philanthropia*, por causa da cólera (*orge*) e do seu carácter belicoso (*philonikia*)<sup>3</sup>. Desse modo, tomou duas medidas sintomáticas de uma

<sup>1</sup> E.g. 269A e 274E-F.

<sup>2</sup> Cf. *Cor.* 21.1.

<sup>3</sup> Cf. *Phil.* 3.1-2, 2.2-4, 13.8 e 17.5.

*paideia* deficiente: a abolição da constituição de Licurgo e a substituição da educação espartana pela aqueia<sup>4</sup>. Também a Coriolano faltava, por um lado, a *paideia* grega e, por outro, a *πραότης* e a *φιλάνθρωπία*, duas virtudes essenciais para a intervenção na vida pública, pois o seu *ethos* fundava-se, em especial, na *ὀργή* e na *φιλοτιμία*, uma vez que desejava superar as suas próprias provas de heroísmo e aumentar a sua fama<sup>5</sup>. Para Plutarco, de facto, a *philanthropia*, tal como outras virtudes, está directamente relacionada com a *paideia*, como se depreende da apresentação sumária de Marcelo (*Marc.* 1.2-3):

ἦν γὰρ τῇ μὲν ἐμπειρία πολεμικός, τῷ δὲ σώματι ῥωμαλέος, τῇ δὲ χειρὶ πλήκτης, τῇ δὲ φύσει φιλοπόλεμος, καὶ τοῦτο δὴ πολὺ τὸ γαῦρον καὶ ἀγέρωχον ἐπιφαίνων ἐν τοῖς ἀγῶσι· τῷ δ' ἄλλῳ τρόπῳ σώφρων, φιλάνθρωπος, Ἑλληνικῆς παιδείας καὶ λόγων ἄχρι τοῦ τιμᾶν καὶ θαυμάζειν τοὺς κατορθοῦντας ἔραστής, αὐτὸς δ' ὑπ' ἀσχολιῶν ἐφ' ὅσον ἦν πρόθυμος ἀσκήσαι καὶ μαθεῖν οὐκ ἐξικόμενος.

Ele tinha, na verdade, experiência na arte guerreira, um corpo vigoroso, mãos lutadoras, uma natureza amante da guerra e, nos combates, demonstrava ser muito autoritário e dominador. Porém, quanto ao resto, era moderado, humano, amante da cultura e das letras gregas, a ponto de honrar e admirar os que se dedicam a elas com êxito, mas ele, por causa das suas ocupações, não as consegue exercitar e estudar tanto quanto desejava.

Desta forma, a *philanthropia* faz parte da *paideia* e confunde-se com ela. Se a *paideia* se sobrepõe às fronteiras espaciais como traço distintivo do homem, também a *philanthropia* surge como uma qualidade que exerce grande influência nas atitudes sociais e no desempenho da actividade política. Plutarco, aliás, no tratado *Praecepta gerendae reipublicae* (823A-C), inclui a *philanthropia* na lista das qualidades do político ideal:

ἀλλὰ πρῶτον μὲν εὐπροσίγορος καὶ κοινὸς ὦν πελάσαι καὶ προσελθεῖν ἅπασιν, οἰκίαν τε παρέχων ἄκλειστον ὡς λιμένα φύξιμον αἰεὶ τοῖς χρίζουσι, καὶ τὸ κηδεμονικὸν καὶ φιλάνθρωπον οὐ χρεῖαις οὐδὲ πράξεισι μόνον ἀλλὰ καὶ τῷ συναλγεῖν πταίους καὶ κατορθοῦσι συγχαίρειν ἐπιδεικνύμενος·

Em primeiro lugar, [o homem de Estado] é afável e sociável com todos os que dele se aproximam e o consultam. Tem a casa aberta como um porto sempre pronto a acolher os necessitados e demonstra a sua solicitude e humanidade não apenas nos afazeres e acções mas também ao partilhar a dor com os que fracassam e ao congratular-se com os que alcançam êxito.

<sup>4</sup> Cf. *Phil.* 16.7-9. Para Políbio (21.32.3), esse foi um estratagema de Filopémen para reduzir o papel da Esparta. Por sua vez, Pausânias (8.51.3) refere que Filopémen destruiu as muralhas de Esparta e que proibiu os jovens espartanos de se exercitarem segundo as leis de Licurgo, mas que o deviam fazer como os jovens aqueus. Seriam os Romanos a ter um papel importante, segundo Plutarco e Pausânias, na readopção da antiga constituição.

<sup>5</sup> Cf. *Cor.* 4.3 e 15.4.

Temos, assim, um sentido fundamental de *philanthropia*: o relacionamento interpessoal, ou seja, a sociabilidade com outros membros da comunidade ou com as instituições da cidade<sup>6</sup>. É nesse contexto, sobretudo, que encontramos a maioria das ocorrências do vocábulo, como concluiu F. Frazier (1996) ao comparar *philanthropos* com *praos* e *epieikes*, dois adjetivos de sentido similar. Ao longo dos tratados políticos, por exemplo, o Queronense lembra recorrentemente a necessidade de o político tratar os concidadãos com amabilidade e benevolência, mesmo quando não são amigos (816C). Nas *Vitae*, por sua vez, podemos enumerar como exemplo de *philanthropia*: a forma bondosa como Teseu tratou os mais humildes, passando estes a aproveitar o túmulo do herói fundador para local de refúgio (*Ihes.* 36.4); a excessiva severidade usada por Catão Censor com os escravos, levando o biógrafo a aconselhar a prática da *philanthropia* (*Cat. Ma.* 5); o próprio Alcibiades, um dos heróis de carácter mais ambíguo, protagoniza uma série de acções que atenuam os seus defeitos, como a humanidade (*philanthropia*) que evidencia ao criar o filho que teve da relação com uma concubina de Melos<sup>7</sup>. Discernir as virtudes dos heróis nem sempre é uma tarefa fácil, não só por causa do uso no mesmo sintagma de duas ou três palavras quase sinónimas, um recurso estilístico muito frequente em Plutarco<sup>8</sup>, mas também porque as virtudes se manifestam, na prática, de forma complexa, como se refere na introdução da biografia de Fócion, o par grego de Catão de Útica<sup>9</sup>:

τούτων δὲ τῶν ἀνδρῶν αἱ ἀρεταὶ μέχρι τῶν τελευταίων καὶ ἀτόμων διαφορῶν ἓνα χαρακτήρα καὶ μορφήν καὶ χρῶμα κοινὸν ἦθους ἐγκεκραμένον ἐκφέρουσιν, ὥσπερ ἴσῳ μέτρῳ μειμιγμένου πρὸς τὸ αὐστηρὸν τοῦ φιλανθρώπου, καὶ πρὸς τὸ ἀσφαλὲς τοῦ ἀνδρείου, καὶ τῆς ὑπὲρ ἄλλων μὲν κηδεμονίας, ὑπὲρ αὐτῶν δ' ἀφοβίας, καὶ πρὸς μὲν τὸ αἰσχροὺς εὐλαβείας, πρὸς δὲ τὸ δίκαιον εὐτονίας συνηρμοσμένης ὁμοίως ὥστε λεπτοῦ πάνυ λόγου δεῖσθαι καθάπερ ὀργάνου πρὸς διάκρισιν καὶ ἀνεύρεσιν τῶν διαφερόντων.

As virtudes destes homens [Fócion e Catão de Útica] mostram, até às últimas e inseparáveis diferenças, um só carácter, aspecto e moral, formadas de uma matiz comum, como se tivessem misturado em igual medida a austeridade e a humanidade, a coragem e a prudência, a solicitude pelos outros e a intrepidez por eles próprios, a precaução contra actos vis e o ardor, igualmente harmonioso, pela justiça. Por conseguinte, é necessário usar, como instrumento, um discurso extremamente subtil para separar e descobrir as diferenças.

Quanto à ocorrência dos vocábulos *φιλανθρωπία*, *φιλάνθρωπος* (adj.) e *φιλανθρώπως* (adv.) nas três biografias que servem de base ao nosso estudo, começamos por fazer referência a um elemento quantitativo: nos pares *Fócion-Catão de Útica* e *Demóstenes-Cícero*, é na biografia romana que esses vocábulos

<sup>6</sup> P. CHANTRAINE, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*, Paris, 1984, s.u. φίλος: considera que mais do que uma relação sentimental exprime a pertença a um grupo social.

<sup>7</sup> Cf. *Alc.* 16.5; esta acção é analisada em conjunto com o apoio que deu à terrível carnificina contra os Mélios (16.6).

<sup>8</sup> S.-T. THEODORSSON, 2000.

<sup>9</sup> *Phoc.* 3.8; cf. *Mul. Virt.* 243C e *Quaest. Conu.* 732B.

se encontram com mais frequência, enquanto no par *Coriolano–Alcibíades* as ocorrências se repartem de forma equitativa (5). Logo, estes elementos parecem confirmar a ideia de que as biografias romanas das *Vidas Paralelas* são essenciais para a análise de conceitos éticos, em especial os que pertencem à tradição cultural helénica, como é o caso da *philanthropia*

A biografia de Coriolano comprova que existe uma relação entre *paideia* e *philanthropia*. O Romano é, segundo Plutarco, “testemunha para os que pensam que a natureza, ainda que seja nobre e boa, se tiver uma educação insuficiente, produz muitos defeitos juntamente com qualidades, tal como acontece na agricultura a um campo fértil que fica sem cultivo” (1.3) e, por este motivo a acção política de Coriolano ficaria marcada por diversos excessos, de tal modo que ao longo da narrativa biográfica nenhuma das suas acções merece ser relacionada com a *philanthropia*. Em 16.2, o adjectivo *philanthropos* surge associado ao preço do trigo: ἐλπίζων ἀγορᾶ τε χρήσεσθαι φιλανθρώπῳ καὶ προῖκα τὰς δωρεὰς νεμηθήσεσθαι ([*o povo*] *esperava comprar no mercado o grão a um preço moderado e receber de forma gratuita o trigo que tinha sido enviado como presente*). Como se vive uma enorme tensão social na *Vrbs*, entre patrícios e plebeus, em dois casos o mesmo adjectivo surge associado à *politeia* (17.7 e 19.3):

(...) ἀλλὰ καιρὸν ἐπισφαλῆ καὶ ὄξυν εὐγνώμονος πολιτείας καὶ φιλανθρώπου δεόμενον.

(...) mas o momento instável e crítico requeria uma política prudente e generosa.

οἱ δὲ πρεσβύτατοι καὶ δημοτικώτατοι τὸναντίον ἠξίουον οὐ χαλεπὸν οὐδὲ βαρύν, ἀλλὰ πρᾶον καὶ φιλάνθρωπον ὑπὸ τῆς ἐξουσίας ἔσεσθαι τὸν δῆμον·

Os senadores mais velhos e com mais sentimento democrático julgavam que o povo, com esta faculdade, não se tornaria violento e severo, mas afável e humano.

Em 30.7, os adjectivos *epieikes* e *philanthropos* (respectivamente, moderação e cortesia) servem para qualificar o *logos*<sup>10</sup> dos embaixadores, enviados para demover Coriolano do ataque a Roma. Pelo contrário, Coriolano, novamente movido pela *orge*, revela-se inflexível, impondo um limite de trinta dias aos Romanos para cederem às pretensões dos Volscos. Passado o momento da trégua, conta Plutarco que é o próprio Coriolano, curiosamente, que aconselha os Romanos a serem mais moderados e benévolos com os Volscos (31.6), notando-se a repetição dos dois adjectivos usados antes para qualificar o discurso dos embaixadores romanos.

Quanto a Cícero, além da curiosidade intelectual e do percurso político, isto é, a harmonização da *paideia* com a *politeia*, Plutarco enfatiza a forma como o orador

<sup>10</sup> Cf. *Aem.* 6.5 e *Pyrrh.* 18.6; em *Phoc.* 27.6, surge associada às condições do acordo.

romano conseguiu ser íntegro e justo<sup>11</sup>. Refere-se, aliás, que Cícero, relativamente ao processo judicial de Manílio, exigiu que o réu fosse tratado segundo o que a lei permitia, pois ele próprio sempre havia tratado os réus com benevolência (ἐπιεικῶς) e humanidade (φιλανθρωπῶς)<sup>12</sup>. É, contudo, na *synkrisis* (3.4) que se encontra talvez o texto mais elucidativo da *philanthropia* de Cícero:

πολλὴν μὲν ἐπίδειξιν ὑπεροφίας χρημάτων ἐποιήσατο, πολλὴν δὲ φιλανθρωπίας καὶ χρηστότητος.

[Cícero] deu, por um lado, muitas provas do seu desprezo pelo dinheiro, e, por outro, muitas da sua humanidade e bondade.

Ao longo da biografia, notamos o facto de a *philanthropia* surgir três vezes associada a César (21.5, 40.5 e 45.3), o que não causa qualquer estranheza, tendo em conta que o mesmo sucede na própria biografia de César (8.1) ou na de Catão de Útica (22.5 e 23.1), quando Plutarco narra os acontecimentos que envolvem Catilina<sup>13</sup>. Associada ao tom de um discurso ou à própria acção de César, a *philanthropia* assume-se como um valioso instrumento de persuasão política (Caes. 13.4). Usando o mesmo recurso, conta Plutarco que Clódio persuade o povo com νόμοις φιλανθρωποῖς (30.1), de forma a colocar em perigo a situação política de Cícero. Resta-nos mencionar o sintagma καταφυγὴν φιλάνθρωπον (47.7), realçando-se o facto de o adjectivo *philanthropos*, com o sentido de “agradável” ou “tranquilo”, qualificar o local de refúgio de Cícero, em Gaeta.

O terceiro herói romano aqui tratado, o Uticense, é descrito, por Plutarco, como um homem ἀρετῆς ἐνθουσιασμός, ὑπὲρ τῶν καλῶν καὶ δικαίων ἀγωνιζομένης (*entusiasmado com a virtude e que luta pelo bem e pela justiça*, 26.5). Apesar dessas qualidades, o Romano não se deixa vencer, como alguns senadores, pela *praotes* e *philanthropia*, após o discurso de César, atrás referido, mas reage com *orge* e *pathos* (23.1), revelando, nesta ocasião, uma atitude contrária à *metriopatheia*. Em três ocasiões a *philanthropia* surge associada à justiça (21.5, 21.10, 29.4), merecendo Catão de Útica, segundo Plutarco, a admiração da maioria dos cidadãos pela sua conduta humana (*philanthropia*) e moderada (*metriotes*) no caso de Metelo, com quem Catão teve diversos confrontos políticos, em particular quando, em 62 a. C., os dois exerceram o cargo de tribunos da plebe. Mais evidente ainda é o elogio feito por Plutarco após o discurso proferido por Catão (60.1):

(...) ἦσαν μὲν οἱ καὶ τοῖς λόγοις ἀγόμενοι πρὸς τὸ θαρρεῖν, οἱ δὲ πλεῖστοι πρὸς τὸ ἀδεῆς καὶ γενναῖον αὐτοῦ καὶ φιλάνθρωπον ὀλίγου δεῖν ἐκλαθόμενοι τῶν παρόντων, ὡς μόνον ὄντα τοῦτον ἀήττητον ἡγεμόνα καὶ πάσης κρείττονα τύχης, ἐδέοντο χρῆσθαι καὶ σώμασιν αὐτῶν καὶ χρήμασι καὶ ὄπλοις (...)

<sup>11</sup> Cf. *ibidem*. 8.2; em 36. 3-5, elogia-se a administração que Cícero fez dos bens.

<sup>12</sup> Cf. *ibidem*. 9.6.

<sup>13</sup> Sobre Plutarco e Catilina, vide C. B. R. PELLING, 2002.

(...) com as palavras de Catão, alguns recuperaram a confiança, mas a maior parte, perante a audácia, a nobreza e a humanidade dele, depressa esqueceu o momento presente e, considerando-o o único chefe invencível e mais forte do que todo o tipo de vicissitude, pedia-lhe que usasse os seus corpos, os seus bens e as suas armas (...).

É deste modo que se associa de forma directa a *philanthropia* a uma figura importante da história romana do século I a. C., digno do nome de *philosophos*<sup>14</sup> e que havia sido, como Plutarco, sacerdote de Apolo<sup>15</sup>.

Este conjunto de ocorrências prova que a *philanthropia*: primeiro, surge, na maioria das vezes associada à *paideia* e à *politeia*; segundo, não só caracteriza o *ethos* dos heróis, como também, por exemplo, leis ou locais; e terceiro, é um valor acessível ao Romano<sup>16</sup>. Plutarco não esconde, no entanto, que a *philanthropia* é uma marca do virtuosismo da Hélade e, em particular, de Atenas, como se pode ler no final da biografia de Aristides<sup>17</sup>: ἤς φιλανθρωπίας καὶ χρηστότητος ἔτι πολλὰ καὶ καθ' ἡμᾶς ἡ πόλις ἐκφέρουσα δείγματα θαυμάζεται καὶ ζηλοῦται δικαίως (*Ainda nos nossos dias a cidade de Atenas oferece numerosos exemplos desta humanidade e benevolência, e, por causa disso, é, com razão, admirada e emulada*); ou quando, na biografia de Pelópidas<sup>18</sup>, contrapõe à habilidade guerreira e à conduta tirânica dos Espartano a *philanthropia* ancestral dos Atenienses que trataram com respeito os Tebanos<sup>19</sup>. Refira-se que, na linha da partilha dos valores, já Dionísio de Halicarnasso (*Ant. Rom.* 1.89.1) afirmara que Roma, a cidade grega, era a mais sociável e humanitária das cidades por ser refúgio para bárbaros, fugitivos e vagabundos.

<sup>14</sup> Cf. *Cat. Ma.* 27.7.

<sup>15</sup> Cf. *Cat. Mi.* 4.1.

<sup>16</sup> Cf. *Mar.* 20.1: Τῶν δὲ Ῥωμαίων τοῖς ἐκτὸς ἀνθρώποις δεινῶν μὲν εἶναι πόλεμον μεταχειρίσασθαι καὶ φοβερῶν εἰς χεῖρας ἔλθειν νομιζομένων, εὐγνωμοσύνης δὲ καὶ φιλανθρωπίας καὶ ὅλων πολιτικῆς ἀρετῆς ὑποδείγματα μὴ δεδωκότων, πρῶτος δοκεῖ τότε Μάρκελλος ὑποδειξάσθαι τοῖς Ἑλλήσι δικαιοτάτους Ῥωμαίους. *Para os estrangeiros, os Romanos eram considerados hábeis na condução da guerra e terríveis na luta, não tendo dado provas de benevolência, de humanidade e, em geral, de virtude política. Marcelo parece ter sido o primeiro a mostrar aos Gregos que os Romanos eram particularmente justos.*

<sup>17</sup> *Arist.* 27.7.

<sup>18</sup> Em *Pel.* 4.5 (Λακεδαιμονίους ἔτι φίλοις καὶ συμμάχοις οὐσι πεμφθείσης ἐκ Θηβῶν βοηθείας), depois de contar o conflito de Mantinea, Plutarco introduz a mudança de atitude entre Lacedemónios e Tebanos; cf. *Mar.* 23.5.

<sup>19</sup> *Ibidem.* 6.2; Vide *Quaest. Conu.* 720C e *De E Delph.* 384D-E, onde Atenas surge como a cidade de maior nível cultural, mas, por aquilo que escreve em *Praec. Ger. Reip.* 799C-D, a *polis* não está isenta de defeitos, embora o texto não deixe de realçar a *philanthropia* dos Atenienses: οἶον ὁ Ἀθηναίων εὐκίνητός ἐστι πρὸς ὀργήν, εὐμετάθετος πρὸς ἔλεον, μᾶλλον ὀξέως ὑπονοεῖν ἢ διδάσκεισθαι καθ' ἡσυχίαν βουλόμενος· ὥσπερ τῶν ἀνδρῶν τοῖς ἀδόξοις καὶ ταπεινοῖς βοηθεῖν προθυμότερος, οὕτω τῶν λόγων τοὺς παιγνιώδεις καὶ γελοίους ἀσπάζεται καὶ προτιμᾷ· τοῖς μὲν ἐπαινοῦσιν αὐτὸν μάλιστα χαίρει, τοῖς δὲ σκώπτουσιν ἠκίστα δυσχεραίνει· φοβερὸς ἐστὶν ἄχρι τῶν ἀρχόντων, εἶτα φιλάνθρωπος ἄχρι τῶν πολεμίων. *Por exemplo, o povo Ateniense tem uma inclinação para a cólera, que facilmente transforma em piedade, pois quer mais conjecturar de imediato do que aprender com tranquilidade. Tal como considera muito benévolo auxiliar os homens desprezados e humildes, também acolhe e prefere as palavras com humor e engraçadas; regozija-se principalmente com aqueles que o louvam, mas pouco se irrita com os que zombam dele; é terrível com os seus governantes, mas revela-se humano até com os inimigos.*



Na verdade, o sentido de *philanthropia* nas biografias espelha a visão poliétnica e a própria sociedade multicultural e cosmopolita da época de Plutarco. Esboçando na estrutura paralela das *Vitae* uma crase cultural, sem apagar as diferenças entre Gregos e Romanos<sup>20</sup>, Plutarco, em vez de configurar a *philanthropia* como um valor pan-helénico, conforme surge em Isócrates ou Xenofonte, procura tornar o seu sentido universal, abrangendo todos os que são cidadãos do *imperium*, embora seja fundamental os Romanos cultivarem a *paideia* helénica. De fora ficam os Bárbaros pela sua inclinação natural para o vício, a bestialidade ou para a superstição<sup>21</sup>. Deste modo, o *pepaideumenos*, o homem novo da Segunda Sofística, teria de ter capacidade de liderança, ser patriótico, íntegro e justo, lutar pelo bem comum, sem perseguir riquezas pessoais, e ter um carácter enformado por virtudes como a *praotes*, a *epieikeia* e a *philanthropia*<sup>22</sup>, valores de raiz helénica.

Para Plutarco, a aproximação entre as duas culturas, a grega e a romana, poderia atingir-se mediante uma partilha de competências “naturais”, cabendo, desse modo, à Grécia contribuir com o esplendor e a humanidade da sua *paideia* e à *Vrbs* com a sua capacidade governativa e engenho militar. Esta proposta de compromisso civilizacional<sup>23</sup> pode verificar-se, como vimos, pela forma como a *philanthropia* surge associada aos heróis plutarquianos, tanto Gregos como Romanos, uma vez que ela adquire, ao mesmo tempo, uma dimensão individual e uma dimensão colectiva ou social. Se, por um lado, o homem se deve comprometer com a sua formação com o objectivo de aperfeiçoar a alma, os conhecimentos e o carácter, por outro, terá de ser capaz de transpor para a sociedade ou para a vida pública a *philanthropia*. Assim, a *philanthropia* plutarquiana é muito mais do que um conceito abstracto, uma vez que transmite, com algum pragmatismo, uma ideia de civilidade bastante útil aos destinatários das *Vidas Paralelas* e também aos actuais leitores.

---

<sup>20</sup> Desta opinião partilha S. GOLDHILL, 2002, p. 270: “It’s rather that the boundaries of Greekness and Romanness — as with all myths of cultural origin at the site of cultural conflict — prove all too permeable, all too intertwined. Establishing and preserving the value of Greekness becomes not just the assertion of an identity but a set of questions about cultural self-positioning”. Para P. DESIDERI, 1992, p. 4471: “l’unità della cultura antica nelle sue essenziali e parallele componenti greca e romana è un punto di arriva, e non di partenza, della riflessione plutarchea”; por sua vez, para S.-T. TEODORSSON, 2005a, p. 438: “the coalescence of Greek and Roman culture in the late Imperial period produced a sentiment of cultural unity in the Empire”; vide ainda S.-T. TEODORSSON, 2005b, pp. 659-64.

<sup>21</sup> Cf. A. G. NIKOLAIDIS, 1986, J. PELEGRÍN CAMPO, 1997 e T. SCHMIDT, 1999.

<sup>22</sup> F. FRAZIER, 1996, 231 sqq., na esteira de J. de ROMILY, 1979, classifica esta tríade de virtudes como “les trois vertus ‘douces’ traditionnelles”; vide ainda H. M. MARTIN JR., 1960, pp. 55-70.

<sup>23</sup> H. M. MARTIN JR., 1961 defendeu, apoiando-se na atitude filantrópica de Prometeu, que, desde a sua origem, a *philanthropia* está conotada com a difusão civilizacional entre os Helenos. Por *philanthropia*, Plutarco traduz não só uma atitude que tem implícito um sentido de humanidade, mas também actividades que são reflexo de uma atitude civilizacional, como o banho ou o tratamento do corpo (*Lyc.* 16.12), ou uma qualidade muito importante para o político ganhar a confiança dos seus súbditos ou para enfrentar tempos de crise, como aqueles que a Grécia vivia.



**BIBLIOGRAFIA CITADA**

- DESIDERI, P., “La Formazione delle Coppie nelle ‘Vite’ plutarchee”, *ANRW*, II.33.6 (1992) 4470-86.
- FRAZIER, F., *Histoire et Morale dans les Vies parallèles de Plutarque*, Paris, 1996.
- MARTIN JR., H. M., “The concept of «praotes» in Plutarch’s *Lives*”, *GRBS*, 3 (1960) 65-73.
- “The concept of Philanthropia in Plutarch’s *Lives*”, *AJP*, 82.2 (1961) 164-75.
- NIKOLAIDIS, A. G., “ΕΛΛΗΝΙΚΟΣ – ΒΑΡΒΑΡΙΚΟΣ. Plutarch on Greek and Barbarian Characteristics”, *WS*, 99 (1986) 229-44.
- PELEGRÍN CAMPO, J., “La noción de barbárie en las *Vidas Paralelas* de Plutarco de Queronea”, in C. SCHRADER ET AL. (eds.), *Plutarco y la Historia*. Actas del V Simposio Español sobre Plutarco (Zaragoza, 20-22 de Junio, 1996), Zaragoza, 1997, pp. 367-78.
- PELLING, C. B. R., “Plutarch and Catiline”, in IDEM, *Plutarch and History*, London, 2002, pp. 45-63.
- ROMILLY, J. de, *La douceur dans la pensée grecque*, Paris, 1979.
- SCHMIDT, T., *Plutarque et les barbares. La rhétorique d’une image*, Leuven/Namur, 1999.
- TEODORSSON, S.-T., “Plutarch’s use of synonyms: a typical feature of his style”, in L. VAN DER STOCKT (ed.), *Rhetorical Theory and Praxis in Plutarch*. Acta of IVth International Congress of the International Plutarch Society (Leuven, July 3-6, 1996) Leuven, 2000, pp. 511-8.
- “Plutarch, amalgamator of Greece and Rome”, in A. PÉREZ JIMÉNEZ & F. TITCHENER (eds.), *Valori Letterari delle Opere di Plutarco. Studi Offerti al Professore Italo Gallo dall’ International Plutarch Society*, Málaga/Logan, 2005a, pp. 433-40.
- “El programa de Plutarco para la conducta social”, in M. JUFRESA ET AL. (eds.), *Plutarco a la seva època: Paideia i societat*. Actas del VIII Simposio Internacional de la Sociedad Española de Plutarquistas (Barcelona, 6-8 Noviembre, 2003), Barcelona, 2005b, pp. 659-64.